

“Boa romaria faz...”

1989
Luiz Orlando Carneiro

O candidato do PDS à presidência da República, Paulo Maluf, dando sequência à sua inteligente campanha, que poderia ter como lema o *Ne sutor supra crepidam* atribuído ao pintor Apeles, foi à Bolívia, com o objetivo de descobrir, *in loco*, como o nosso pobre mas altivo vizinho conseguiu reduzir para menos de dois dígitos uma inflação crônica de 24.000% anuais.

É claro que o obsessivo político paulista não foi a La Paz apenas para se inteirar de coisas sobre as quais poderia informar-se consultando a eficiente assessoria econômica que deve ter. Embora um *outsider* no páreo sucessório, Maluf pretendeu, com sua viagem, reduzir a suas devidas proporções as excursões européias de Fernando Collor, Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva, preocupados em afirmar ou reafirmar a “ressonância” internacional de seus nomes.

Até com uma certa prática, o bem-humorado Paulo Maluf está a dizer que o sapateiro não deve ir além de seus sapatos. Além do mais, o ex-governador de São Paulo, empresário rico e calejado, sabe como é penosa a situação do penetra — condição à qual se rebaixou, por muitas vezes, em outros momentos políticos.

A condição de penetra deve estar sendo sentida, nestes dias, pelo presidente Sarney, pelo seu colega do



Uruguai e por outros chefes de Estado de países sem cartão de crédito do Clube dos Sete, que foram em revoada a Paris, como convivas de segunda classe dos festejos dos 200 anos da Revolução Francesa.

Bem que o presidente Sarney tentou manter o penacho, ao divulgar a carta enviada ao presidente François Mitterrand, na qual, corajosamente, afirma estar convencido de que as desigualdades entre países pobres e ricos acabarão numa explosão social, estando a Revolução Francesa ainda por se fazer no plano internacional. A carta é bem escrita, tem um “gancho” razoável e vai dar “suíte”. Passadas as festas do 14 de Julho, o presidente Mitterrand vai respondê-la, embora não seja provável que a sra. Thatcher se digne a ler o xerox que deverá receber de seu embaixador em Paris.

Brizola, Lula e Collor — que pretendem suceder o presidente Sarney — forçaram encontros na Europa, pensando em crescer internamente, mas se esqueceram de que um futuro chefe de governo deve preservar seu sorriso aberto ou seu cenho cerrado, seu abraço afetuoso ou seu frio aperto de mão, para as horas certas e incertas do porvir.

O presidente Sarney, em fim de governo, adotou a postura do primo pobre que vai à festa do primo rico, mas fala mal do *buffet*, esquecendo-se do ditado de nossos avós, segundo o qual “boa romaria faz quem em sua casa está em paz”. Ou, como diria Maluf — para Brizola, Lula e Collor —, “boa romaria faz quem em La Paz se sente em casa”.

* Diretor regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília